

O Peso das Palavras sobre Hugo Chávez: Uma Análise de Títulos da Folha de S. Paulo à luz de Mikhail Bakhtin

Avanço de Investigação em Curso

Grupo de Trabalho 14 - Hegemonia estadunidense, políticas públicas e sociais e alternativas de desenvolvimento na América Latina

Patrícia Paixão de Oliveira Leite

Resumo:

Este artigo pretende lançar luz sobre o discurso da Folha de S. Paulo, ao referenciar o líder venezuelano Hugo Chávez, a partir da análise dos títulos de matérias, artigos e editoriais publicados pelo jornal, no período entre 1º de setembro de 2012 e 31 de outubro de 2012, meses pré-eleitoral e eleitoral na Venezuela. O objetivo é entender o discurso de um veículo de mídia sobre um dos líderes latino-americanos, tido como representante da esquerda. As teorias que nortearão a investigação nascem do filósofo Mikhail Bakhtin, que defende a palavra como um signo ideológico. Para melhor contextualização, o artigo traz uma análise sobre o fenômeno de emergência latino-americana e o papel da mídia e suas filiações, sentidos e significações.

Palavras-chave: Folha de S. Paulo – Hugo Chávez – Latino-americano

1. Introdução

Nos últimos anos, a América Latina vem ganhando espaço nas discussões de especialistas em política, analistas econômicos e gestores mundiais como referência de novo bloco de esquerda em constituição, contrapondo-se ao capitalismo. O sociólogo Silvio Caccia Bava (2007) elaborou uma análise-síntese que define bem esse movimento: “Já é evidente [...] que sopram novos ventos no continente. Depois de anos de dominação ideológica neoliberal, a América Latina começa a desenhar relações diferentes entre a política, a economia e a sociedade.” (p. 8).

Há uma ideia generalizada de que a América Latina adotou um discurso de esquerda, sobretudo países como Brasil, Argentina, Venezuela, Bolívia, Equador, Uruguai, Paraguai, Peru e Chile. Líderes como Luiz Inácio Lula da Silva, Hugo Chávez, Evo Morales, Rafael Correa, Michelle Bachelet e Cristina Kirchner foram expoentes dessa nova configuração política latino-americana nas páginas dos principais jornais e revistas do Brasil. Esse bloco de países “anti-neoliberalismo” se configura mais fortemente num momento em que o discurso de esquerda ainda vive numa crise no entrelugar “discurso e prática”. Há um suposto “vazio” de ideologias e utopias da sociedade contemporânea que torna ainda mais interessante o fenômeno da união da América Latina em um bloco de esquerda, podendo preencher, assim, o vácuo deixado pela derrocada do chamado socialismo real. Enfim, surge uma grande novidade no cenário político-econômico internacional: um movimento unificado de esquerda de países considerados historicamente explorados pelo capitalismo.

Patrick Charaudeau (2006) reconhece que há características novas nos discursos dos partidos políticos, que ele avalia como “específicas do nosso tempo”. (p. 298). O autor diz que “percebe-se uma ausência de utopia e o apagamento da instância adversária.” (p. 298). Embora se baseie em experiências de partidos franceses, o teórico coloca questões pertinentes aos partidos em todo o mundo, sobretudo os considerados de esquerda.

Se considerarmos o discurso da esquerda dita clássica, perceberemos a ausência de referências a uma sociedade igualitária que deveria se tornar realidade em razão da luta do povo explorado contra os possuidores exploradores. Não há mais esse discurso da mística da classe operária, que por tanto tempo ocupou a cena política do século XX; nem de mística do igualitarismo inscrito no frontispício da trilogia republicana francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade); nem de mística do triunfo do povo sobre o burguês, sendo que o próprio conceito de povo mudou de significado (ele não é mais reservado de forma exclusiva aos operários ou aos trabalhadores, mas abrange o conjunto das categorias sociais); nem de mística, enfim, de uma transformação da sociedade como motor das lutas populares. [...] (Charaudeau, 2006, p. 298)

À margem dessa contextualização aprofundada, aparece a mídia com seus editoriais, matérias, artigos e reportagens, tentando interpretar esse fenômeno latino-americano de esquerda, com um discurso que migra entre dois polos: uns veículos projetam um olhar positivo às mudanças, justificando que houve na América Latina a superação das ditaduras por regimes democráticos, destacando os avanços que isso proporcionou; outros elaboram argumentos da existência de uma suposta crise de governabilidade, refletida na impossibilidade de os países do continente enfrentarem as pressões sociais (Bava, 2007, p. 8). E os consideram como ditatoriais.

Sabe-se que a comunicação social é condicionada por uma práxis social, política, econômica, ideológica e cultural. Ou seja, a mídia, como um dos instrumentos desse processo, também sofre transformações a partir dessas relações de poder estabelecidas historicamente. Nota-se, por exemplo, que o tema “América Latina” vem ganhando força nos noticiários nacionais, mas com fortes críticas às posturas de seus líderes, que são, em alguns casos, explicitamente chamados de sectários ou “caudilhos”.

Um dos expoentes desse assédio midiático é Hugo Chávez. Este artigo vai se preocupar com a imagem midiática desse líder latino-americano, considerado o mais polêmico, que tem a sua vinculação a Cuba e a Fidel Castro muito criticada, além de suas posturas e atitudes consideradas - por parte da mídia mundial - como radicais. É objeto desta investigação o discurso da Folha de S. Paulo ao referenciar o líder venezuelano, a partir da análise dos títulos de matérias, artigos e editoriais publicados pelo jornal no período entre 1º de setembro de 2012 a 31 de outubro de 2012, meses pré-eleitoral e eleitoral na Venezuela.

O objetivo é entender o discurso construído por um veículo de mídia sobre um dos líderes latino-americanos da atualidade, considerado um representante da esquerda, e que está há muito tempo no poder. Nas últimas eleições presidenciais da Venezuela, ocorridas no dia 7 de outubro de 2012, Chávez foi reconduzido ao poder, com 54,42% dos votos válidos, vencendo o opositor Henrique Capriles, do Partido Primeira Justiça. Chávez, representante do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), já estava há 14 anos no poder e deveria cumprir mandato de mais seis anos, completando vinte anos no comando do país¹. (Gazeta do Povo, 2012). Como líder remanescente da Revolução Bolivariana², Chávez deixou a carreira militar para se dedicar à política. Ficou conhecido pelo antiamericanismo e antineoliberalismo, defendendo um novo socialismo. Essa sua postura ficou conhecida como “chavismo”.

¹ Hugo Chávez não tomou posse no dia 10 de janeiro de 2013, por se encontrava internado em Cuba para tratamento de câncer. Chávez faleceu no dia 5 de março de 2013. Hoje o seu sucessor é Nicolás Maduro, eleito no dia 14 de abril de 2013.

²De acordo com a Wikipédia, Revolução Bolivariana é o termo criado pelo presidente Hugo Chávez para designar as mudanças políticas, econômicas e sociais iniciadas com a sua chegada ao poder, baseadas nos ideais do libertador Simón Bolívar. Capturado em 12 de janeiro de 2013, no endereço:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Bolivariana.

2. A Mídia e suas filiações, sentidos e significações

O Jornal Folha de S. Paulo é um veículo diário de circulação nacional, de grande tiragem, considerado um dos mais “influentes” do Brasil e que apresentam uma ascendência sobre a opinião pública. É um meio de comunicação comercial, vinculado ao Grupo Folha. Não se pode perder de vista que os meios de comunicação comerciais surgiram de um mesmo processo: nasceram e foram legitimados por um modelo capitalista de concentração midiática, e, em tese, são eficientes mantenedores dessa ideologia. Como pontua José Abex Jr. (2008):

O monopólio da comunicação exercido pelas corporações da mídia tem consequências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade. Impede o debate plural e democrático das ideias, torna invisível – quando não ‘demoniza’ – atores e movimentos sociais, padroniza comportamentos, constrói percepções e consensos segundo critérios e métodos não transparentes e não submetidos ao controle das sociedades. (p. 385)

Já Dênis de Moraes (1998), entende que “a oligopolização das mídias insere-se no painel de forte concentração de comandos estratégicos e de mundialização de conteúdos, mercadorias e serviços [...]”(p.59). O retrato desse oligopólio são as concentrações. Ou seja, grupos que controlam jornais, revistas, emissoras de TV, rádios, agências de notícias, enfim, traduzem para a sociedade brasileira os acontecimentos locais, regionais e mundiais. São “verdades” disseminadas sob o escudo da neutralidade e objetividade. Não é exagero dizer que valores, conceitos, crenças, opiniões da população são construídos pelos discursos elaborados pela mídia. Quando a América Latina está no foco da notícia, vê-se, ainda, que há um olhar de cima para baixo, do chamado “primeiro mundo” para o “terceiro mundo”, sobretudo porque os fluxos de informação partem dos países centrais. “A mídia ocidental é parte da tríade “Estado, mercado e imprensa”, que engendra o processo de sedimentação da sociedade do risco e do medo, realidade da colônia que assombra a metrópole.”(Gomes; Leite, 2012, p. 6)

O projeto de universalização do paradigma moderno ocidental capilarizou-se através do fluxo unilateral, do centro à periferia, protagonizado pelos meios massivos de comunicação, principalmente via agências de notícias internacionais. Essa disseminação de informações de cima para baixo, via um modelo centralizado, vem impondo cada vez mais uma ordem de discurso difícil de romper. (Gomes; Leite, 2012, p. 4)

Sem pretender elaborar aqui uma avaliação ou julgamento do personagem Hugo Chávez ou ainda discutir acerca da sua função política na resignificação dos paradigmas de esquerda – que fogem ao objetivo desta análise -, interessa aqui mostrar as pistas deixadas pelo Jornal Folha de S. Paulo sobre a sua visão do papel político de Hugo Chávez, pelos caminhos nunca neutros e imparciais dos discursos, sobretudo os midiáticos. E os estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin (2004) sobre os signos e a ideologia são apropriados para as análises que têm como foco o discurso sobre política. As teorias do autor, baseadas no marxismo histórico, indicam que a palavra e o discurso são a manifestação mais pura da ideologia. Ou a revelam ou aparentemente a escondem, mas ali está a ideologia. Daí não poder negligenciar a importância do contexto histórico, cultural, econômico e sociopolítico na interpretação dos signos. Em que pesem outros signos que acompanham o discurso, a palavra está sempre dotada de ideologia.

É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha

toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isolados nem totalmente separados dele. Isso não significa, obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. (Bakhtin, 2004, p. 37)

Tudo que é dito em um veículo de mídia tem um peso ideológico, intencional ou não. Há um peso em cada palavra. Mas é na interação e no contexto que as palavras adquirem sentido ideológico. “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos[...] (Bakhtin, 2004, p. 34). Porque “*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo.[...] A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social.*” (Bakhtin, 2004, p. 36).

Ao analisar os títulos das matérias e artigos do Jornal Folha de S. Paulo, vê-se que as palavras fazem sentido de acordo com o contexto no qual estão inseridas, o momento histórico (neste caso, eleitoral), o lugar de fala dos sujeitos, a finalidade, as estratégias, enfim, elementos valorizados e imprescindíveis para uma investigação. Mas também há toda a significação nascida do leitor, do interlocutor, da interpretação do outro sujeito do discurso. “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.” (Bakhtin, 2004, p. 38)

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.* Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar essa evolução social do signo linguístico. Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo. (Bakhtin, 2004, P. 44, grifo do autor).

Assim, somente pelo fato de estarem numa página de jornal já tornam as palavras que compõem os títulos como signos ideológicos. Por isso, é necessário ir além das aparências das palavras como se fossem letras reunidas sem história e sem sentidos. Por isso que este artigo traz apenas um de vários olhares possíveis sobre o corpus, sobre o objeto.

3. O peso das palavras

O corpus selecionado para a análise consta de 25 títulos de matérias e artigos publicados na versão impressa do Jornal Folha de S. Paulo, entre os dias 1º de setembro de 2012 e 31 de outubro de 2012, uma vez que as eleições presidenciais da Venezuela ocorreram no dia 7 de outubro de 2012 e nesses dois meses houve um volume maior de matérias e artigos veiculados sobre Hugo Chávez e a Venezuela. Ao todo, foram veiculadas 70 matérias e artigos com o tema “Hugo Chávez” ou referenciando a Venezuela³, dos quais 25 compõem o corpus. Seguem os títulos selecionados, a

³No site da Folha de S. Paulo, a pesquisa colocou no ícone “busca” o tema “Hugo Chávez” e no ícone “seção” o termo “jornal impresso” e apareceram links para 70 matérias e artigos, dos meses de setembro e outubro de 2012, todos referenciando Hugo Chávez ou a Venezuela. Dessas 70, 25 tiveram o título selecionado com base na não repetição e força do sentido.

maioria publicada em seções Mundo, Opinião e Editorial. Aqui foram categorizados em “matéria”, “artigo” (os textos de opinião, escritos por articulistas ou especialistas) e Editorial (apenas um título). Segue o corpus, em ordem cronológica:

JORNAL FOLHA DE S. PAULO – 01/09/2012 A 31/10/2012

<i>Tragédia gera dúvida sobre caixa de Chávez</i>	Matéria	02/09/2012
<i>Chávez ameaça</i>	Editorial	04/09/2012
<i>Uma esquerda equivocada</i>	Artigo	05/09/2012
<i>Em tom de ameaça, Chávez diz que sua derrota pode gerar guerra civil</i>	Matéria	11/09/2012
<i>Venezuela inicia saída de corte de direitos humanos</i>	Matéria	12/09/2012
<i>'Mercosul não tem como moderar Chávez'</i>	Matéria	23/09/2012
<i>Oposicionista sofre para veicular propaganda até nas TVs privadas</i>	Matéria	01/10/2012
<i>Rival de Chávez atrai multidão em comício</i>	Matéria	01/10/2012
<i>Chávez corteja pobres com 'suco socialista'</i>	Matéria	04/10/2012
<i>Chávez leva servidores para comício 'apoteótico'</i>	Matéria	05/10/2012
<i>Presidente venezuelano atualiza populismo de Juan Perón</i>	Artigo	07/10/2012
<i>Revigorado pelas urnas, Chávez quer acelerar 'socialismo'</i>	Matéria	09/10/2012
<i>Liderança do presidente é mais precária do que aponta sua vitória</i>	Artigo	09/10/2012
<i>Chávez ganhou. Mas levará?</i>	Artigo	09/10/2012
<i>Chávez muda seu vice e faz mistério sobre substituto</i>	Matéria	10/10/2012
<i>Jornalista detido compara Caracas a ditadura</i>	Matéria	10/10/2012
<i>O que aconteceu na Venezuela?</i>	Artigo	12/10/2012
<i>O sub de Chávez</i>	Matéria	12/10/2012
<i>Venezuela continua no Fundo, apesar de Chávez</i>	Matéria	13/10/2012
<i>A vitória imperfeita de Chávez na Venezuela</i>	Artigo	14/10/2012
<i>Chávez espionou Capriles, acusa jornalista</i>	Matéria	15/10/2012
<i>O que Chávez herda de Chávez</i>	Artigo	19/10/2012
<i>Conheçam a Venezuela</i>	Artigo	21/10/2012
<i>A luta de Chávez</i>	Artigo	22/10/2012
<i>O poder de Chávez na Venezuela</i>	Artigo	29/10/2012

A primeira observação a ser lançada é quanto à repetição do nome “Chávez” nos títulos em tela. São 16 citações do sobrenome do presidente da Venezuela – um número considerável em relação ao total. Por mais que seja justificável jornalisticamente chamar a atenção do leitor para a matéria por meio do sujeito principal da notícia, nota-se uma personificação do líder venezuelano. Será que não haveria outros elementos na matéria mais importantes do que o nome do presidente? A palavra “Venezuela” –

que, em tese, reflete mais poder do que uma figura política - aparece somente sete vezes, por exemplo. A expressão “*presidente venezuelano*” é citada apenas uma vez. Isso faz pensar sobre até que ponto a mídia não reforça o chamado chavismo ou ajuda a construir a imagem do personagem polêmico da política internacional. O Jornal Folha de S. Paulo não rompeu com o discurso vigente. Apenas repetiu a fórmula, como é comum na mídia.

Na outra ponta, percebe-se que mesmo referenciando Chávez repetidamente, a grande maioria das citações remete a um contexto desfavorável. Ou seja, a repetição não serve para gerar um discurso positivo sobre o gestor venezuelano. Os títulos são carregados de palavras com conotação negativa, como pode ser observado em alguns exemplos extraídos do corpus: *Em tom de ameaça, Chávez diz que sua derrota pode gerar guerra civil*; *Mercosul não tem como moderar Chávez*; *Presidente venezuelano atualiza populismo de Juan Perón*; *Chávez muda seu vice e faz mistério sobre substituto*; *Liderança do presidente é mais precária do que aponta sua vitória*; *Jornalista detido compara Caracas a ditadura*; *Venezuela continua no Fundo, apesar de Chávez*; *A vitória imperfeita de Chávez na Venezuela*; *Chávez espionou Capriles, acusa jornalista*. Vê-se que, na opacidade do discurso, na polissemia das palavras e expressões, há um sentido de categorizar o líder como “ameaçador”; “imoderado, sem limites”; “populista”; “misterioso, enigmático”; “precário, enfraquecido”; “ditador”; “deixa o país no fundo do poço, na lama”; “a sua vitória é imperfeita, questionável”; “espião”.

Merece destaque o título “*Venezuela continua no Fundo, apesar de Chávez*”. Mesmo estando escrita com inicial maiúscula, a palavra “Fundo” guarda um duplo-sentido, deixando a frase ambígua. “Fundo” remete à expressão “fundo do poço”, “buraco”. Ao ler a matéria, observa-se que o texto se refere ao Fundo Monetário Internacional, o FMI. Está escrito: “*Cinco anos depois de o presidente Hugo Chávez ter anunciado com estardalhaço a saída da Venezuela do FMI ‘dominado por falcões americanos’, o país ainda não tomou nenhuma providência para se desligar da entidade - e, além disso, mantém um membro no diretório*”. A matéria foi veiculada seis dias após as eleições, ou seja, dia 13 de outubro de 2012.

Também pede um olhar mais atento o título “*Liderança do presidente é mais precária do que aponta sua vitória*”, em artigo veiculado dois dias depois da eleição, em 9 de outubro de 2012. Apesar de informar sobre a vitória de Chávez nas urnas, o texto reforça o tom negativo levantado pela palavra “precária”, como pode ser observado: “*Para se manter no poder de modo eficaz, um líder político deve manter uma coalizão pequena e homogênea, alimentada por privilégios sustentáveis e bem direcionados. Se essa regra, formulada pelo cientista político Bruce Bueno de Mesquita, está correta, a liderança de Hugo Chávez é mais precária do que aponta sua vitória. Vencer uma eleição nacional com 54% dos votos pode satisfazer o presidente de qualquer República. Mas a pequena maioria parece um feito modesto para um presidente que conta com o controle da mídia, do Judiciário, das Forças Armadas e de uma economia estatizada.*”

Seguindo a análise, é curioso observar os títulos que referenciam comícios dos dois candidatos à Presidência da Venezuela, poucos dias antes do pleito: “*Rival de Chávez atrai multidão em comício*”, veiculada em 1º de outubro de 2012, e “*Chávez leva servidores para comício 'apoteótico'*”, publicada em 5 de outubro de 2012. O primeiro título traz um discurso inquestionável sobre a “multidão” que compareceu ao comício do candidato Henrique Capriles. Já o segundo, sugere que houve cooptação de servidores para que participassem do comício de Chávez. E o adjetivo “apoteótico” (entre aspas do título) foi dito pelo próprio líder e não pelo jornal. A matéria segue no mesmo tom, quando diz que:

“O último comício de Chávez foi um ato de duas caras: toda a máquina do Estado e seus funcionários voltados para a campanha - um agente do metrô contou que listas de presença e até confisco de crachás funcionais acontecem -, mas também uma animada mobilização ao som do jingle interpretado por músicos populares”.

No dia 9 de outubro de 2012, apenas dois dias após o pleito, a Folha de S. Paulo traz um artigo de Clóvis Rossi sob o título

“Chávez ganhou. Mas levará?” e intertítulo “Saúde do presidente ainda dá margem a perguntas sobre por quanto tempo poderá ‘soprar o vento’”. E o texto segue: “Restam agora as perguntas que o triunfo do presidente não respondeu. A maior delas: por quanto tempo ainda soprará o vento, depois de três operações de câncer que o debilitaram, a ponto de reduzir o ritmo de sua atividade eleitoral?”

O autor levanta suspeita sobre o estado de saúde do líder, pondo em questão a sua posse, o que acabou não ocorrendo.

Outros títulos do corpus também refletem sentidos pejorativos sobre Hugo Chávez, como em

“O sub de Chávez”, seguido pelo subtítulo: “Sem diploma universitário e com passado de motorista, Nicolás Maduro ganhou a confiança do presidente reeleito da Venezuela”. Ou quando diz que “Oposicionista sofre para veicular propaganda até nas TVs privadas”, traduzida na matéria que tem como um dos trechos: “O grupo sofre percalços até para emplacar spots na TV privada. A maior emissora particular da Venezuela, a Venevisión, do magnata Gustavo Cisneros, vetou uma propaganda de Capriles em que um pequeno comerciante que teve um negócio expropriado dizia que não era ‘burguês’ nem ‘oligarca’”.

Alguns títulos chamam atenção pelo maior apelo ideológico explícito, desenhando palavras como “socialista”, “esquerda”, “luta”, “poder”. Entre eles:

“Chávez corteja pobres com 'suco socialista” e “Revigorado pelas urnas, Chávez quer acelerar 'socialismo’”, ambas matérias; e os artigos “Uma esquerda equivocada”; “O poder de Chávez na Venezuela” e “A luta de Chávez”, que diz no subtítulo “Sua retórica dá a impressão de que ele vá implantar o socialismo, mas seus atos deixam claro que não”. “A esquerda equivocada” tem como subtítulo: “No Brasil, parte significativa da esquerda, incluindo intelectuais e velhos combatentes da nossa ditadura, agora seguem Chávez e apoiam o massacre na Síria”. Para a Folha de S. Paulo, ao que parece, o esquerdismo ou socialismo chavista é repudiado.

No corpus analisado, percebe-se a preponderância do discurso negativo nas referências e nomeações acerca do político venezuelano. Mas um título publicado na seção Opinião, no dia 21 de outubro de 2012, destoou dos demais e saltou aos olhos como surpreendente⁴. Trata-se do artigo *Conheçam a Venezuela*, assinado pelo embaixador da República Bolivariana da Venezuela no Brasil, Maximilien Arveláiz. O subtítulo traz explícita uma forte crítica à mídia:

“A mídia brasileira não admite a nossa plena democracia, apoia a oposição e ataca Chávez com adjetivos elitistas de quem não conhece o país, como ‘populista’”.

O artigo segue discorrendo mais críticas sobre a mídia comercial brasileira, ressaltando a cobertura do processo eleitoral venezuelano:

⁴ Esta pesquisa não conseguiu averiguar se a publicação do artigo do embaixador venezuelano foi por meio de algum pedido de “direito de resposta” ao jornal ou se foi apenas uma concessão ao governo venezuelano.

“Seja por puro desconhecimento da realidade do nosso país, seja em união a uma campanha internacional contra os avanços da revolução bolivariana, a mídia privada brasileira fez uma cobertura desequilibrada do processo eleitoral no país. É claro que utilizo aqui o recurso da generalização. Mas, numa leitura rápida das notícias, salta aos olhos o apoio deliberado da mídia pela oposição e a tentativa sistemática de deslegitimar o processo revolucionário em curso na Venezuela.”

4. Considerações finais

Os achados desta pesquisa atualizam as teorias de Mikhail Bakhtin quando revelam que as palavras são, sim, signos ideológicos e que fazem sentido a partir do contexto histórico, político, econômico, social e cultural no qual estão postas – ditas ou não-ditas, explicitamente. O que transparece ou o que esconde. O que está na superfície e o que está na opacidade. Aqui se entende que, para as palavras fazerem sentido nos títulos das matérias e artigos publicados no Jornal Folha de S. Paulo, é imprescindível o reconhecimento do lugar que a mídia comercial ocupa, suas filiações e os interesses que sustentam os grupos midiáticos no Brasil (e no mundo). Há que se olhar criticamente para a nova configuração de uma América Latina que está se livrando da tutela de colonizadores e ditadores do chamado “primeiro mundo”.

Vê-se, por exemplo, que os grandes grupos midiáticos reproduzem versões recorrentes em outros meios de comunicação, como mantras permeados nos discursos que publicam. Às vezes, intencionalmente; outras vezes, sob a gravidade de uma ideologia que está por trás de todo o discurso. Mas a palavra, em qualquer materialidade discursiva, vem sem inocência, ou seja, já carregada de história e de sentidos. O interlocutor também traz para o contexto a sua história e elabora novas significações. Até porque “não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém).” (Bakhtin, *apud* Brait, 2005, p. 203).

Por isso esta pesquisa traz um olhar e uma versão para o discurso da Folha de S. Paulo sobre Hugo Chávez nos dias dos meses que antecederam e sucederam as eleições presidenciais de 2012 na Venezuela. Outros olhares e versões podem ter escapado. Mas é possível dizer que há uma mitificação do personagem Chávez ao retratá-lo como maior até que o próprio país que governa, ao nomeá-lo na maioria dos títulos do corpus. Por outro lado, o fato de trazer a “palavra” Chávez para o “palco” não quer dizer que há uma intenção de propagar os seus ideais. Ao contrário, o discurso entoa negativo e formulado para desconstruir o personagem Chávez. Nesse processo de desconstrução, há uma desqualificação das suas ações e discursos. E do suposto socialismo ou esquerdismo que o líder defende. O peso das palavras da Folha de S. Paulo pesam sobre Chávez.

Como os próprios conceitos bakhtinianos ensinam, não é possível pensar que há neutralidade da mídia, se a palavra é um signo ideológico. Há, sim, parcialidade. O que deve ser explícito é a intencionalidade dos veículos de comunicação, revelando o lado onde estão e quais são as suas filiações. Para o leitor, o ouvinte, o interlocutor, é essencial essa transparência para garantir os seus “direitos imprescritíveis sobre a palavra”.

5. Referências bibliográficas

ARBEX, José Jr. (2004) Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record.

BAKHTIN, Mikhail. (2004) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec.

_____. (2005) **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BAVA, Silvio Caccia. (2007) **A democracia em disputa**. In: Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo: Instituto Pólis.

BRAIT, Beth. (org.) (2005) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

_____. (2006) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick. (2006) **Discurso político**. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. (2004) **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto.

FARACO, Carlos Alberto. (2003) **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições.

FIORIN, José Luiz. (2004) **Elementos de análise de discurso**. São Paulo: Contexto.

_____. (2006) **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

GAZETA DO POVO. (2012) **Eleições na Venezuela**. Capturado em 16 de janeiro de 2013. <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/eleicao-venezuela-2012/conteudo.phtml?id=1305541>

LEITE, Patrícia. GOMES, Aline. (2012) **Referenciações e Categorizações na Cobertura da Morte de Bin Laden: A Ordem do Discurso de Carta Capital**. Intercom Regional.

O link da pesquisa de todas as matérias analisadas no artigo: <http://search.folha.com.br/search?q=hugo%20chavez&site=jornal&sd=01%2F09%2F2012&ed=31%2F10%2F2012&sr=1>. Capturadas em 17 de janeiro de 2013.